

Banco ABC Brasil | Relações com Investidores Transcrição da Teleconferência de Resultados do 3T12 31 de outubro de 2012

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DO 3º TRIMESTRE DE 2012

[Sérgio Lulia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Bom dia a todos, e obrigado pela participação na nossa teleconferência de resultados do 3º trimestre de 2012.

No slide 2 temos os destaques do trimestre. O lucro Líquido e a Carteira de Crédito ficaram estáveis em comparação com o trimestre anterior, o lucro Líquido foi de R\$ 55,1 MM e o saldo da carteira ficou em R\$ 14 bilhões 900 milhões de reais.

O retorno sobre o patrimônio líquido no trimestre ficou em 13,8 % a.a a qualidade da carteira de crédito continua elevada com 97,4% AA – C.

No slide 3, apresentação da evolução da carteira de crédito. Considerando a carteira total verificamos praticamente uma estabilidade no trimestre, mas um crescimento de 16,5% em doze meses quando a carteira evoluiu de R\$ 12 bilhões 700 milhões para 14 bilhões 900 milhões de reais. Considerando a carteira separada por segmento, neste trimestre o segmento de Middle Market apresentou um crescimento de 3,6% no trimestre que compensou o leve recuo da carteira Coporate.

No slide 4 os destaques de cada segmento. No segmento Corporate terminamos o trimestre com 752 clientes, sendo 523 com exposição de crédito. Isso resulta numa exposição média por cliente de 23 milhões 700 mil de reais por cliente. O prazo médio da carteira era de 332 dias ao final do trimestre, praticamente constante aos trimestres anteriores.

No segmento Middle Market, encerramos o trimestre com 1.168 clientes, sendo 917 com exposição de crédito, o que resulta numa exposição média de 2 milhões de reais por cliente de novo constante ao resultado anteriores. O prazo médio da carteira Middle era de 214 dias ao final do trimestre. A distribuição geográfica da carteira não apresentou variação significativa durante o terceiro trimestre de 2012

No slide 5, a qualidade da carteira de crédito. O saldo de atrasos acima de 90 dias ficou em 0,56% da carteira, nível ainda elevado em relação à nossa média histórica, mas praticamente estável em relação ao trimestre anterior. Esse valor se compara de maneira muito favorável à média que vem sendo apresentada pelas outras instituições financeiras, demonstrando mais uma vez a expertise do ABC Brasil na avaliação dos riscos de crédito.

Com as despesas de provisão realizadas, o saldo de PDD atingiu 2,24% da carteira no final do trimestre, com uma cobertura de 4 vezes em relação ao saldo dos atrasos. As despesas de provisão ainda foram elevadas, mas há um cauteloso otimismo por parte da administração do banco de que esses números possam melhorar lentamente a partir de agora em diante.

No slide 6 são apresentado mais alguns dados sobre a qualidade da carteira. Os créditos baixados para prejuízos aumentaram para 0,2% da carteira no trimestre, refletindo o movimento nas despesas com provisões realizadas nos trimestres anteriores. Considerando a classificação da carteira pela resolução 2.682 do Banco Central, as operações de rating entre AA – C terminaram o segundo trimestre de 2012 representando 97,4% da carteira total.

No slide 7, a evolução da nosso funding. Os mercados, tanto locais quanto externos, têm apresentado condições de liquidez excepcionais, que tem se refletido na oferta de recursos e preços e prazos muito atraentes.

A estrutura de funding, se mostra cada vez mais diversificada. O destaque tem sido o crescimento da participação das Letras Financeiras, que há um ano atrás eram praticamente inexistentes e hoje já representam 8% do funding total, com volumes de aproximadamente 1 bilhão de reais. Além disso, como fato subsequente, no início de outubro promovemos a reabertura de sua dívida subordinada, com a emissão adicional de 100 milhões de dólares americanos. Os livros ficaram abertos por apenas 2 horas e a demanda total atingiu mais de 6 vezes o valor ofertado, demonstrando mais uma vez o grau de aceitação e a penetração do nome ABC Brasil na comunidade internacional.

Em termos da participação relativa de cada categoria de funding continua havendo um crescimento da participação do funding doméstico que atingi 45 % do funding total, o funding internacional representando 18%, as operações do BNDES também 18% e o capital total considerando aqui o patrimônio líquido e a dívida subordinada 19%, lembrando que aqui não foi contabilizada a reabertura da dívida subordinada de USD 100 MM, porque foi realizada na primeira semana de outubro.

Agora eu passo a palavra para o Sr. Alexandre Sinzato que vai dar mais detalhes a respeito dos números do banco.

[Alexandre Sinzato, ABC Brasil – Head Relações Investidores]

Bom dia a todos e obrigado pela presença de todos na teleconferência, no slide 8 mostramos a evolução do patrimônio líquido e o índice de basileia. Terminamos o terceiro trimestre com um patrimônio de referência de 2 Bilhões 257 milhões de reais, sendo 1 Bilhão 636 milhões de reais em capital de nível I e 621 milhões de reais em nível 2.

O índice de Basileia ficou em 15%, esse índice já considerando o valor da recapitalização de juros sobre capital próprio de 37 milhões de reais que foi concluído em setembro. Considerando a emissão da dívida subordinada que foi mencionada pelo Sr. Sérgio no valor de 100 milhões de dólares concluída em outubro, o índice de basileia seria de 16,3%. Ou seja, considerando as duas operações, juros sobre o capital próprio, a reabertura da dívida subordinada e considerando os lucros acumulados no trimestre o índice de basileia teve impacto positivo de 200 basis points ou 2% pontos percentuais, atingindo um nível de 16,3%.

No slide 9, a evolução da margem financeira do banco. A margem financeira gerencial, antes da provisão de devedores duvidosos, apresentou um crescimento de 2% no trimestre e após as despesas de provisão para devedores duvidosos, uma redução de 1%. O índice de margem financeira o NIM (Net Interest Margin) terminou o trimestre em 4,8% e no período de 9 meses em 5%. É importante ressaltar que essa redução em relação aos trimestres anteriores reflete principalmente ao aumento do nível de caixa do banco que tem esse impacto muito forte da situação de funding que é muito positiva como o Sr. Sérgio mencionou e também a menor remuneração do capital próprio do banco com a redução da taxa Selic.

No próximo slide 10, as receitas com serviços. As receitas de prestação de serviços atingiram 35 milhões de reais no terceiro trimestre de 2012, um crescimento de 9,5% em relação ao trimestre anterior. Tivemos boa evolução nas três linhas que compõe esse valor, mas a maior contribuição continua sendo na parte de garantias prestadas avais e fianças.

Nos slide 11 a variação das despesas e o índice de eficiência. O índice de eficiência do banco foi de 35,3% no terceiro trimestre de 2012, praticamente o mesmo nível quando olhamos os nove meses do

ano de 2012. Desconsiderando a linha de participação de lucros, considerando apenas as despesas de pessoal e outras administrativas que seriam as contas que contemplam o nosso guidance, o crescimento é de 12,8% nos 9 meses de 2012 em relação ao mesmo de período de 2011.

Apenas lembrando que em 2012 de acordo com a resolução 3.921 do Banco Central, o banco definiu um novo plano de remuneração através do qual alguns executivos estão recebendo parte da remuneração variável através de ações, de forma diferida ao longo tempo e que essa parcela da remuneração é contabilizada proporcionalmente ao prazo deste diferimento. Acreditamos que essa nova forma tem boas vantagens, principalmente a retenção dos executivos chaves e também o maior alinhamento dos interesses entre administradores e o acionistas do banco.

Para concluir no slide 12, a nossa rentabilidade. Terminamos o três trimestre de 2012 com um lucro de 55 milhões e 100 mil reais, praticamente estável em relação ao trimestre anterior. Esta estabilidade do resultado reflete o aumento das receitas com clientes, que compensou a menor remuneração do patrimônio líquido do banco resultante da queda da taxa Selic e o aumento na provisão para devedores duvidosos.

Com essa rentabilidade no lucro e o aumento do patrimônio líquido, tanto por conta do resultado no período como pela recapitulação de juros sobre capital próprio que efetuamos no trimestre, o retorno anualizado sobre o patrimônio recuou para 13,8% a.a. Considerando o período de 9 meses, o lucro foi de 167 milhões de reais e o retorno sobre o patrimônio (ROE) seria de 14,3%.

Com isso concluímos a apresentação dos dados e abrimos para qualquer dúvida e informação que possam necessitar.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta 1

[Wesley Okada, Goldman Sachs] Bom dia a todos, Sérgio e Alexandre Sinzato. A minha primeira pergunta, vem com relação ao write-off no trimestre, vimos um incremento chegando a 0,20 % na carteira total. Só queria entender o que esperar daqui para frente, esse patamar de 0,20 % deve continuar nos próximos trimestres? Em especial na carteira de middle, na qual teve um maior incremento. Eu tenho uma segunda pergunta no qual eu faço depois.

[Alexandre Sinzato, ABC Brasil – Head Relações Investidores] Bom dia Wesley, quem está falando é o Sinzato. Eu acho que é esperando sim que a continuemos manter na linha de write-off um número mais elevado do que vinha acontecendo, porque questão mais temporal da regra contábil, como nos últimos trimestres tivemos uma elevação nos valores de despesas de provisão, então com o passar do tempo e o obedecimento da regra contábil é esperado que continuemos ao longo de alguns trimestres esse nível de write-off um pouco maior do que o normal.

[Wesley Okada, Goldman Sachs] Está ótimo, a minha segunda pergunta com relação a despesas, principalmente a pessoal e administrativa que continua caindo bem no trimestre, eu queria entender se existe alguma iniciativa específica no corte de custos ou se é um reflexo de uma menor atividade no período

[Sérgio Lulia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Tá bom Wesley, aqui é Sérgio. De fato as despesas caíram um pouco no trimestre, o controle de custo é uma preocupação constante do banco, não houve nenhuma iniciativa específica no trimestre, esse esforço é feito de maneira contínua e agora cada oscilação de trimestre para outro, ocorrem de acordo com provisões que são realizadas, e ao longo do ano as provisões são realizadas com base em estimativa e com a chegada ao final trimestre vai se

ajustando. Agora o controle de fato existe, mas não houve nenhuma política de corte de despesas mais severas e nem achamos que o caso, porque o banco já tem um número de eficiência bastante bom, você viu por volta de 33 % - 34 %.

A estrutura que possuímos são as estruturas necessárias para ter uma atividade operações de corporate e middle bem organizadas e estruturadas, estamos achando o ciclo de piora do crédito está no final, embora já achássemos antes, mas cada vez mais parece que o ciclo está no final e que o nível de atividade vai retomar, portamos queremos estar preparados e estruturados para crescer. Então só para resumir os custos sempre sob controle, mas não corte de custos, e sim estar preparados para aproveitar o crescimento de mercado quando ele vier.

[Wesley Okada, Goldman Sachs] Está ótimo, muito obrigado e até mais.

Pergunta 2

[Eduardo Rosman, BTG Pactual] Oi, bom dia pessoal, só gostaria de explorar um pouco a mais a respeito da qualidade da carteira de crédito no segmento corporate e middle. Porque no ano de 2012 vimos no segmento corporate uma piora grande dos resultados das empresas, o que levou a vários downgrade por parte das agências de rating, no segmento de middle vimos também uma piora também generalizada. Estou dizendo do mercado como todo e não especificamente do banco ABC, até mesmo vários outros bancos médios não estão crescendo, estão falando que as qualidades das garantias das empresas médias e pequenas não estão boas. O meu ponto que eu queria saber, o que dá para esperar para o ano que vem? Será que é possível ver uma melhora muito grande na qualidade do crédito para pessoa jurídica, pois na pessoa física estamos vendo uma melhora grande em veículos e alguns outros segmentos de crédito pessoal. Estou mais preocupado em saber sobre o que dá para esperar na qualidade de crédito no segmento jurídica.

[Sérgio Lulia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Eduardo, separando pelo segmento, pois cada segmento apresenta dinâmicas distintas, no segmento corporate embora as empresas em um ano como esse no qual atividade econômica ficou aquém do imaginado, obviamente os resultados diminuem e as empresas sofrem um pouco. Mas no geral elas detêm capacidade financeira e solidez de balanço para passar em períodos como esses, então elas normalmente se enxugam e se apertam um pouco e até mesmo spreads aumentam e muitas vezes apresentam até mesmo oportunidades para bancos como o nosso de explorar situações para estruturar operações, melhorar garantias e melhorar margens e foi o que realizamos. Tanto que no segmento corporate detêm um crescimento de aproximadamente 16% na carteira de crédito, e agora isso não significa que há problemas específicos e também teve no cenário como esse teve alguns casos específicos de perda, neste ano tivemos uma perda maior do que historicamente apresentamos, mas bastante localizado em 2 a 3 casos.

Olhando para frente eu acho que o cenário de crédito apresenta condições boas para o segmento corporate e é um segmento que queremos continuar crescendo, pois conhecemos muito bem e sentimos muitos confortáveis. Agora se vão ter casos específicos é difíceis prever, mas não há uma preocupação com o setor todo, acreditamos que está bem.

Já no segmento middle market a situação é diferente, pois as empresas são mais frágeis a transparência é menor de maneira que os bancos se assustam um pouco mais no momento como esse que passamos esse ano, o número de bancos que operam continua constante mas a agressividade dos bancos mudou, os bancos estão muito mais conservadores e isso faz com que as empresas se apertem mais. De maneira que neste segmento as empresas são mais marginalizadas e neste segmento é difícil e encarar um momento como sendo uma oportunidade como disse no segmento corporate, pois no corporate temos uma confiança maior nas empresas e você até cresce num momento de adversidade e no middle não é razoável fazer isso, é mais racional esperar passar a fase ruim e há uma troca maior de clientes por

causa disso, você continua atrás de bons nomes e sai dos que estão se apertando mais e de certa maneira esse aperto ainda continua um pouco.

Há alguns sinais pequenos de melhora, mas não dá para dizer que melhorou de fato, eu acredito que é um segmento que vai continuar sendo afetado por mais alguns meses, estamos monitorando de perto e assim que sentirmos que melhorou então voltaremos a crescer com mais consistência.

[Eduardo Rosman, BTG Pactual] Perfeito, obrigado.

Pergunta 3

[Rafael Ferraz, Banco Safra] Oi Bom dia a todos, Sérgio e Sinzato. A minha pergunta vai em complemento que o Wesley perguntou a respeito da parte de custos, vocês tiveram um bom desempenho comparando os 9 meses de 2012 em termos de eficiência. O gostaria que vocês me dessem uma ideia de até quanto você pretendem ir, o que seria ano bom de 2013? Caso haja uma retomada do nível de crédito, até quanto poderia reduzir esse índice de eficiência que já está um patamar bastante bom em torno de 35%. Queria mais como indicação até quanto vocês podem chegar a índices de eficiência? Depois eu tenho mais pergunta

[Sérgio Lúcia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Tá bom Rafael, é assim o que temos para acrescentar de agora em diante é uma escala para o segmento de middle market, o middle que nós viemos estruturando há 7 anos como vocês tem acompanhado, tanto organizando a parte de Front Office, Back Office, Agências e também ao mesmo tempo investindo muito na estrutura disponível para os gerentes operarem de maneira eficiente, com áreas de produtos, áreas de inteligência de negócios, mesas de clientes, área de crédito, controle de duplicata e recebíveis, área de cadastro muito bem desenvolvida.

Então você desenvolve uma estrutura principalmente no Middle Office e Back Office que é capaz de atender um número de transações muito maiores do que estamos realizando agora, o que você não quer ver no momento de crescimento bom e esse crescimento ficar engargalhado por problemas de Middle e Back Office. Então essa estrutura que desenvolvemos e que está em vigor acreditamos que há um ganho de escala a ser capturado quando o Middle Market voltar a crescer.

Agora por outro lado 35% de índice de eficiência já bastante bom, então essa melhora no índice como todo do banco tende a ser marginal, a gente pode imaginar em torno de 34 % - 33%, mas eu não acredito que fosse muito melhor do que isso, pois ao mesmo temos que continuar realizando investimento como tecnologia, qualificação das pessoas. Estamos sempre investindo em programa de trainee para trazer uma mão de obra jovem e qualificada para o banco. Então eu acho que em torno de 33% - 35% achamos que dá para chegar e achamos bastante competitivo.

Pergunta 4

[Rafael Ferraz, Banco Safra] Legal Sérgio, obrigado pelo esclarecimento. A segunda pergunta seria mais no sentido de qualidade de crédito, a gente vê pelos slides que a cobertura de carteira, que é o saldo de PDD sobre a carteira. No qual atingiu um máximo histórico, pelo menos no horizonte do slide (Slide 5), e eu sei como vocês são bastantes conservadores nesta questão, até mesmos do que outros bancos, em termos de cobertura e agente vê um nível de rating D - H não tão alto como estava nos primeiros trimestres de 2010.

A minha pergunta é a seguintes, nos próximos trimestres essa cobertura deve diminuir? Vocês devem consumir um pouco desta gordura, ou não, o caso é um pouco mais de esperar ver melhor os casos de corporate, trabalhar melhor esses 2 - 3 que estão apresentando alguns problemas e ficar mais numa

situação mais conservadora que eu sei que é bastante a política de vocês. Então só para termos uma idéia se os gastos de provisão para devedores duvidosos devem continuar nos próximos trimestres?

[Sérgio Lulia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Tá bom, esse nível de cobertura de fato é forte. É uma política nossa de manter esse nível de cobertura desta maneira e ele é na prática consequência da política de percebido a piora a deterioração do cliente ele já sofre uma redução do seu rating, independente da operação estar vencida ou não.

Então isso faz com que aumente o saldo da PDD, sem que o saldo de atraso tenha aumentado na mesma proporção, isso foi o que aconteceu e o que explica esse nível de cobertura, agora se ele vai ser manter assim ou não vai depender que esses clientes que já estão provisionados vão ter como performance, eu acho que a carteira está protegida hoje e havendo uma retomada da atividade econômica como se espera, isso tende a melhora essa dinâmica que é muito dependente da atividade econômica. Toda a vez que a atividade econômica se frustra o ciclo de crédito piora as empresas de apertam, e tanto quanto o PDD e os atrasos aumentam.

Nós trabalhamos aqui com a perspectiva de melhora da atividade econômica e que parece que vem acontecendo e baseado nisso deve ter uma melhora lenta ao longo dos próximos trimestres, pois a partir que você fez um downgrade do cliente no seu rating, para você fazer um aumento do rating novamente só após a operação ser paga. Então quando a situação melhora você mantém a provisão alta por período e aos poucos ao longo dos trimestres começa há melhorar um pouco.

[Rafael Ferraz, Banco Safra] Legal só deixa fazer um follow up da sua questão, para entender o conceito. Você diz que houve alguns downgrade, mas por critério subjetivo de vocês, usando a Resolução 2.682 não teria atrasos mesmos, foi isso?

[Sérgio Lulia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Sim, porque toda a vez que o cliente é reapresento no comitê de crédito é atribuído um rating, e lógico se o cliente ficar atraso é feito rebaixamento em função da resolução 2.682. Agora muitas vezes o cliente não está atraso, mas se o comitê de crédito percebe que o cliente piorou, daí o departamento de crédito sugere um downgrade, onde o comitê de crédito analisa, aceita ou não essa revisão de rating para baixo, independente da operação estar vencida.

[Rafael Ferraz, Banco Safra] Perfeito, obrigado pelas respostas.

Pergunta 5

[Bruno Gerner, Bradesco Corretora] Bom dia Sérgio e Sinzato, eu tenho uma pergunta a respeito da margem bruta, especificamente na margem com clientes. Vimos uma alta de 9,3% no trimestre, que eu entendo que vocês têm uma carteira um pouco maior dado que no segundo trimestre vocês tiveram crescimento forte, em especial segmento corporate, mas na minha visão eu queria entender a substituição SME (Clientes Pequenos e Médios) que apesar do crescimento fraco, possui um spread melhor, o que explicaria essa melhora na margem bruta com clientes no trimestre?

[Alexandre Sinzato, ABC Brasil – Head Relações Investidores] Bom dia Bruno é Sinzato que está falando, eu acho que aqui o explica em termos o aumento na margem financeira com cliente ser um pouco mais forte do que a carteira média do período, pode ter um pouco a ver com a conjuntura de você ter mais uma resiliência neste segmento no qual o banco atua e também um pouco a ver com algumas operações de crédito.

Então ao longo do tempo também, você tem uma variação que vem dessas operações que acabam impactando na margem financeira com clientes e então eu diria que tem uma união dos dois

componentes, tanto spread resilientes, mas também há algumas operações que foram recuperadas que também estão dentro desta linha.

[Bruno Gemer, Bradesco Corretora] Ok, Obrigado.

Considerações Finais

[Sérgio Lulia Jacob, ABC Brasil – VP Treasury] Agradecemos mais uma vez a participação de todos, e gostaria de dizer que assim como eu e todo o time de relações com investidores estamos à disposição a todos vocês para eventuais dúvidas na qual possam ter.